Reflexos de Universos

Nº 98
Novembro 2019



2019 – Reflexos de Universos

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei dos Direitos Autorais 9.610/98. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, sob quaisquer meios (eletrônico, fotográfico e outros). O conteúdo original da obra é de total e exclusiva responsabilidade dos autores.

Título:
"Reflexos De Universos"

Ano: 2019
Nº 98
Mês: Novembro

Formatação e Diagramação:
Reinadi Sampaio e Hermes Peixoto

Editores:
Hermes Peixoto e Reinadi Sampaio

Revisão de textos:
Hermes Peixoto, Reinadi Rodrigues Sampaio e Cyro Mascarenhas.

Imagens e textos
Cedidos gentilmente pelos autores

Reflexos De Universos"
Nesta Edição

























Rua XV de Novembro 56
44380-000 Cruz das Almas –BA
galenodavelirio@yahoo.com.br

Varanda

Reflexos de Universos chega ao número 98 quando as cores são usadas de forma pouco poética e às vezes de maneira preconceituosa ou identitária. O azul e o rosa se tornam gêneros no imaginário de políticos antiquados e dos seus seguidores que proliferam as notícias mais estapafúrdias privilegiando até uma caneta azul, cuja marca não pode ser Bic pois estamos "de mal" com os franceses.



Rosa e azul também são símbolos de bem-intencionadas campanhas de mamografias rosas ou toques retais, nem tão bem, azuis e iluminam prédios, monumentos, jardins ou enfeitam com lacinhos ora rosa ora azul as lapelas, blusas e outros adereços. Também neste novembro, o preto, que nunca sei se é cor, ilustra o novembro negro para protestar contra o racismo e as "sextas-feiras negras" que nada têm de místicas ou misteriosas, mas servem de apelo comercial para se vender mais. Tudo isso intensamente digitalizado e compartilhado (noticiado), até mesmo de maneira falsa, pelas "viralizações" acontecidas nas redes sociais, sites, twits, "and" blogs.

Em meio a tudo isso, Reflexos tenta seguir o seu caminho feito de palavras e imagens, esquinas e atalhos num esforço, nem sei se tolo, de mostrar os seus colaboradores como criadores e criaturas, causando impactos gerados pelo conteúdo veiculado em suas páginas e cadernos. Desde a sua fundação, em 1976, a revista vem experimentando mudanças em suas formas de se mostrar e, principalmente, devido às inúmeras vozes que ajudaram a consolidar um projeto que sempre visou divulgar expressões que tivessem a marca de uma cultura sensível aos enlaces de nossas humanidades.

A nossa identidade editorial contempla também o exercício da resistência quando viabiliza espaço para novos autores. Vozes minoritárias marcadas tradicionalmente por pressões de apagamento e exclusão ao lado dos antigos já afeitos aos seus cadernos e a sua linha editorial. Desta maneira, estreiam no caderno Opinião, Alberto Peixoto veterano escritor da Academia de Letras do Recôncavo que deixa o seu ponto de vista, de como viver no novo mundo digital e Juliana Peixoto, aluna vestibulanda do Colégio Monsenhor Neiva, que discorre sobre o suicídio, mal que aflige a sua geração. O caderno também traz Cristiane Barbosa, representando os mais antigos e perguntando se você fala Volapuque ante a sua preocupação com uma possível mudança linguística caso os idiomas não se adequem ao sistema digital de falar e escrever. O Caderno de Poesia traz os poetas Rita Queiroz, AnaCarol Cruz, Reinadi.s, Runa, Lita e Luciano Passos, Fernando Scaval, Juha Vasku, Patrícia Mendes, Mario Oliveira, Gláucia Guerra, Cyro Mascarenhas, Cristiane Barbosa, Hermes Peixoto e as estreias de Irá Rodrigues e Patrícia Santana que também estreia com uma crônica em Toda Prosa ao lado de Reinadi S., Fabio Mandigo, Ygor Coelho e Ribeiro Lourinho. Cruz das Almas dos meus bons tempos nos encanta com quadrinhas comportadas de Reinadi.s, falando sobre vultos cruz-almenses e um deles, o emigrante Vicente Alfano nos é apresentado, em particular, por Ângela Machado.

A matéria de capa fala sobre o lixo no mundo e em Cruz das Almas, abordado em um artigo de Hermes Peixoto e Lidiane Lordelo, uma entrevista com Lorena Souza, Secretária Municipal de Serviços Públicos, um poema de Runa e encerra o tema mostrando o mundo fascinante do lixo transformado em arte pela artista plástica Reinadi Sampaio.



Foto de: Reinadi.s
2019/11/25 às 10:38

A reportagem da edição é sobre a nona Feira Literária de Cachoeira que homenageou Gláucia Lemos, nossa colaboradora em algumas edições. O Canto da palavra faz uma resenha sobre a desconstrução da música de Chico Buarque por Tiago Iorc, o livro do escritor Nuno G é comentado em Ainda Quentes na Minha Estante e Cyro Mascarenhas nos traz a poesia de Federico Garcia Lorca em Eternos Reflexos.

Toda essa diversidade de assuntos e pessoas é um dos pontos de êxito da revista que, a cada edição que surge, tem a certeza de que publica opiniões peculiares e singulares que proporcionam um excelente aprendizado editorial; os atuais editores, como tantos outros que passaram pela revista, dedicaram e dedicam especial atenção para todo o universo das colaborações e, principalmente, de construção e representação dos autores e autoras com suas experiências, repertórios de vida, modos de pensar, e, o que é melhor, sua verdade pessoal, esta última forjada pelo ato impreciso de existir (**Hermes Peixoto**).

Reflexos de Universos n. 98 /

Ano 43 / novembro 2019

Fundadores:

Nelson Magalhães Filho, Welington Sá e Luiz Carlos Mendes

Editores: Hermes Peixoto e Reinadi Sampaio

Capa: Tela "Artes em aquarela+decopagem": Reinadi.s

Cruz das Almas, Bahia, Brasil.

https://www.facebook.com/ReflexosDeUniversos/

https://clubedeautores.com.br/books/search?utf8=%E2%9C%93+where=books+what=Reflexos+de+Universos+sort=+topic_id=

https://www.instagram.com/reflexosdeuniverso/

Matéria de Capa – "Vasculhando O Lixo"

O lixo também é conhecido por resíduos sólidos, porém essas palavras apresentam significados diferentes. Lixo é um material que não serve para nada ou para ninguém, enquanto que os resíduos sólidos é o resultado de uma atividade e que ainda pode ter utilização em outra atividade. Quando entendermos essa definição, começaremos a dar importância ao que nós geramos, pois estaremos contribuindo para continuidade de uma cadeia produtiva, além de beneficiar o meio ambiente.

Esta edição traz um relato sobre a história do lixo no mundo e, atuando como um catador, vasculhou e encontrou dados preocupantes sobre o futuro da humanidade que a cada dia produz mais lixo. O mais irônico é que o lixo é um indicador de desenvolvimento de uma nação. Quanto mais pujante for a economia, mais lixo o país irá produzir. É o sinal de que o país está crescendo, de que as pessoas estão consumindo mais. O Brasil, ainda que a nossa economia não esteja tão "pujante", ocupa o terceiro lugar em produção de lixo (79 milhões de toneladas) perdendo para os Estados Unidos (232 milhões) e China (148 milhões). E o lixo está ganhando uma dimensão mais perigosa por causa da mudança no seu perfil. Na metade do século, a composição do lixo era predominantemente de matéria orgânica, de restos de comida. Com o avanço da tecnologia, materiais como plástico, isopor, embalagens descartáveis, lâmpadas, pilhas, baterias de celular, pilhas e consequentemente metais pesados são presença cada vez mais constante na coleta. Além do mais, começamos a produzir lixo mais cedo. Os bebês nascidos a cinquenta anos atrás utilizavam fraldas de pano, que não eram jogadas fora, tomavam sopa feita em casa e bebiam leite mantido em garrafas reutilizáveis. Hoje, os bebês usam fraldas descartáveis, tomam sopa em potinhos que são jogados fora e bebem leite embalado em tetrapak. "Ao final de uma semana de vida, o lixo que eles produzem equivale, em volume, a quatro vezes o seu tamanho" (EIGENHEER, 2013).

E continuamos pela vida afora produzindo lixo de forma irresponsável e pensando que já evoluímos, porque colocando o lixo no passeio, em saquinhos plásticos das compras feitas nos supermercados, a qualquer hora ou dia da semana, que o problema da sujeira vai estar resolvido. Nada disso. O problema começa aí. Para entender porque é preciso voltar um pouco no tempo e recorrer ao início do problema.

Os homens das cavernas eram nômades. Vestiam-se de peles, uma só veste, viviam da caça e da pesca e quando a comida começava a ficar escassa, eles se mudavam para outra região e os seus "lixos", eram decompostos pela ação do tempo. Depois o homem sentiu a necessidade de produzir peças para que ficasse mais confortável: vasilhames de cerâmica, instrumentos para o plantio, roupas mais apropriadas. Seus hábitos mudavam: Construíam as suas moradias, criavam animais, cultivavam a sua comida e se fixavam de forma permanente em um local. A produção de lixo consequentemente foi aumentando e mudando a sua composição, mas ainda não era um problema, devido à quantidade e ao tipo de sujeira. E assim começava a despreocupação com o lixo pois o que importava era o desenvolvimento, as novidades, o conforto, as facilidades e não as consequências que isto poderia causar. E assim foram se avolumando as consequências.

A população humana foi aumentando e, com o advento da revolução industrial - que possibilitou um salto na produção em série de bens de consumo – o lixo e as problemáticas para o seu descarte começaram a preocupar. A partir da segunda metade do século XX iniciou-se uma reviravolta. A humanidade passou a preocupar-se com o planeta onde vive motivada por acontecimentos e descobertas como o buraco na camada de ozônio e o aquecimento global da Terra. O mundo acordou e viu, assustado, o que estava acontecendo com o meio ambiente. Nesse "despertar", a questão da geração e destinação final do lixo, como resíduos sólidos, foi percebida mas, infelizmente até hoje não vem sendo encarada com a urgência e a técnica de ação necessárias.

Por tudo isso chegamos a números alarmantes: Dados de 2017 nos mostram que cada brasileiro gera, em média, 383 kg de lixo ao longo do ano. Estima-se que o Brasil produza, por dia, 240 mil toneladas de lixo. E o pior é que em 20 anos, entre 1982 e 2012, dobrou a quantidade de lixo gerado por pessoa. E se continuar neste ritmo, como chegaremos em 2032?

Em 2018 produzimos 52% de lixo orgânico, 26% de papel e papelão, 2% de metais (ferro alumínio, zinco, aço) e 3% de plástico (SUA PESQUISA, 2018)

Se você acha que é pouco plástico, um estudo feito em 2017, nos mostra um quadro altamente preocupante: Isto representa mais de 10,3 milhões de toneladas de lixo plástico e apenas 145 mil toneladas (1,28%) foram efetivamente recicladas, ou seja, reprocessadas na cadeia de produção como produto secundário. Esse é um dos menores índices da pesquisa e bem abaixo da média global de reciclagem plástica, que é de 9%. E se você acha que o mundo recicla mais que nós, é verdade, mas ainda assim o volume de plástico que vaza para os oceanos todos os anos é de aproximadamente 10 milhões de toneladas, o que equivale a 23 mil aviões Boeing 747 pousando nos mares e oceanos todos os anos – são mais de 60 por dia. Nesse ritmo, até 2030, encontraremos o equivalente a 26 mil garrafas de plástico no mar a cada km2, revela o estudo conduzido pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF, 2017).

E para onde vai o nosso lixo? Cinquenta e oito por cento (58%) do lixo vão pra os aterros sanitários que são depósitos adequados para a recepção de resíduos, com solo corretamente impermeabilizado para evitar o vazamento de material líquido, drenagem e tratamento de chorume, sistemas de captação de gases liberados na decomposição, entre outros sistemas de proteção que evitam a contaminação ambiental; Vinte e quatro por cento (24%) vão para os aterros controlados que são depósitos cobertos que não possuem impermeabilização adequada do solo ou sistemas de dispersão de gases e do chorume derivados da decomposição do lixo. É um meio termo entre o lixão e o aterro sanitário e 15% vão para os lixões, depósitos a céu aberto sem o menor tipo de proteção e elevado potencial de contaminação ambiental e riscos à saúde que

por determinação da Política Nacional de Resíduos Sólidos já deviam estar extintos no país desde 2014. Os 3% restantes não se tem uma ideia para onde são levados (SUA PESQUISA, 2018).

O e-lixo ou lixo eletrônico ocupa uma preocupação maior, uma vez que com os velozes avanços da tecnologia, equipamentos eletrônicos como smartphones e notebooks, contendo em seus diversos componentes metais pesados como mercúrio, berílio e chumbo, são trocados com maior frequência. O problema está na maneira como estes materiais são descartados o que fatalmente vai resultar na contaminação dos lençóis freáticos, caso estes sejam absorvido pelo solo.

De acordo com o estudo "E-Waste na América Latina: Análise estatística e recomendações de política pública", foram produzidas 3,9 milhões de toneladas de e-lixo na região em 2014 – o equivalente a 9% de toda a produção global – e a previsão é de que chegue a mais de 4,8 milhões de toneladas em 2019. O Brasil foi responsável por produzir 1,4 milhão de toneladas de lixo eletrônico com 97 mil toneladas métricas de computadores, 2,2 mil de celulares e 17,2 de impressoras. No mundo o e-lixo contribui com 41 milhões de toneladas para a poluição do planeta (EIGENHEER, 2013).

A reciclagem de lixo eletrônico no Brasil é um grande problema, já que parte da população desconhece a maneira correta de descarte e acaba jogando produtos no lixo comum ou até deixando-o na rua para que os catadores recolham.

Possíveis Soluções

Para entender o lixo como resultado de uma atividade e que ainda pode ter utilização em outra atividade (resíduos sólidos), precisamos analisar o ciclo de vida do produto, que por consequência resulta na diminuição de extração da matéria-prima da natureza na fabricação de novos produtos e para isto precisamos revalorizar, redistribuir, reestruturar, reduzir, reutilizar, reciclar; os 6R's (LORDELO, 2004).

REVALORIZAÇÃO: Trata-se de recuperar a capacidade de pensar nossas necessidades básicas, para diferenciá-las do supérfluo, tornando-se independentes da manipulação da mídia e da publicidade.

REDISTRIBUIÇÃO: Implica retornar o conceito do espaço ambiental e o rastro ecológico. Todos têm direitos a porções equitativas dos recursos, dentro da capacidade sustentável da terra. Esta deve ser a base da produção e do consumo equitativo. A satisfação das necessidades básicas é uma condição para estabilizar o crescimento demográfico

REESTRUTURAÇÃO: Tomar consciência da necessidade de transformar o sistema econômico, de maneira a eliminar a produção e o consumo de bens supérfluo para poucos, concentrando-se na produção orientada, para satisfazer as necessidades básicas de todos. Lutar pela inclusão dos custos sociais e ambientais nos preços de todos os bens de serviços

REDUÇÃO: Participar ativamente da racionalização de uso de recursos como energia e água e de produtos tóxicos perigosos ou radioativos. Nós temos a possibilidade, em maior ou menor medida, de reduzir nossos consumos cotidianos de energia, água, assim como os produtos nocivos à nossa saúde e ao meio ambiente. É simplesmente uma questão de reordenar os materiais que usamos no dia-a-dia. Menos lixo gerado também implicará em estrutura de coleta menor, e também em redução de custos de disposição final;

REUTILIZAÇÃO Existem inúmeras formas de reutilizar os mesmos objetos, até por motivos econômicos: escrever nos dois lados da folha de papel, usar embalagens retornáveis e reaproveitar embalagens descartáveis para outros fins são apenas alguns exemplos.

RECICLAR: É o final do processo. Quando não é mais possível reduzir e reutilizar.

Revalorização, redistribuição e reestruturação propõem um novo conceito de consumo onde a necessidade real de aquisição de um determinado produto torna-se ponto de partida para qualquer iniciativa de compra. Esta proposta ainda não está presente no cotidiano da sociedade capitalista, apesar de já está sendo incorporada nas propostas de reestruturação dos conceitos de produção e consumo.